



Educação & Realidade

ISSN: 0100-3143

educreal@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do
Sul
Brasil

Poli, Maria Cristina; Faissol, Katia Regina
Adolescer com Arte (e psicanálise): projetos escolares
Educação & Realidade, vol. 41, núm. 3, julio-septiembre, 2016, pp. 833-851
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=317246239012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Adolescer com Arte (e psicanálise): projetos escolares

**Maria Cristina Poli^I
Katia Regina Faissol^{II}**

^IUniversidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro/RJ – Brasil

^{II}Universidade Veiga de Almeida (UVA), Rio de Janeiro/RJ – Brasil

RESUMO – Adolescer com Arte (e psicanálise): projetos escolares. Este artigo aborda o processo do adolescer no mundo contemporâneo sob a ótica da Psicanálise a partir do trabalho desenvolvido em uma escola pública federal na cidade do Rio de Janeiro. Os projetos *Múltiplas Vozes* e *Refazer* fundamentaram nossa intervenção junto aos jovens, dando-lhes a oportunidade de ampliar o universo simbólico no qual estão inseridos através do encontro com algumas expressões artísticas. Amplia-se assim também as oportunidades de descortinar novos caminhos a serem trilhados em sua inserção no mundo adulto.

Palavras-chave: Adolescência. Arte. Psicanálise. Escola.

ABSTRACT – Adolescence in Art (and psychoanalysis): school projects. This paper discusses the process of becoming an adolescent in the contemporary world through the lens of psychoanalysis, from a work in a federal public school in the city of Rio de Janeiro. We based our intervention with teenagers on the presentation of the projects *Múltiplas Vozes* (*Multiple Voices*) and *Refazer* (*Re-do*), giving them the opportunity to expand the symbolic universe in which they live through the encounter with some artistic expressions. This way, the opportunities to unveil new ways on creating new social bonds in the process of insertion in the adult world are expanded.

Keywords: Adolescence. Art. Psychoanalysis. School.

Este artigo propõe uma discussão acerca da adolescência, tal como vivida no âmbito escolar com seus encantamentos e dificuldades, a partir de uma experiência de trabalho com projetos¹ que tomam a arte como modo principal de intervenção. Esses projetos, originados em situações específicas de dificuldades escolares no 2º segmento do Ensino Fundamental e no Ensino Médio de uma escola pública federal do Rio de Janeiro – Colégio Pedro II –, permitiram apreender algo da interface entre adolescência, arte e escola a partir de uma leitura psicanalítica de cada um desses elementos. A condução do trabalho de intervenção junto aos jovens com dificuldades escolares coloca ao educador o grande desafio de mergulhar na transitoriedade das descobertas adolescentes. Participando dos diversos caminhos que se bifurcam em encontros e desencontros, impõe-se também ao educador gerir as angústias que impulsionam os jovens a buscarem o desvelamento de seus próprios caminhos.

Refazer o eu na Adolescência

A adolescência não foi especificada como um objeto de estudo nem para Freud nem para Lacan, mas o tema permeou muitas de suas reflexões. Contemporaneamente, não são poucos os autores da psicanálise dedicados a tratar de sua especificidade enquanto tempo do sujeito (Rassial, 1997; 1999; Poli, 2014; Alberti 2008; entre outros). A psicanálise é, como indica Sousa (2012, p. 7), “[...] uma disciplina áspera, plena de recortes, com aquelas peças de quebra-cabeças difíceis e, por vezes, impossíveis de encaixar”. Em acurácia delicada de seus questionamentos acerca da formação do sujeito, as reflexões de Freud e de Lacan permite-nos buscar em suas bases teóricas os fundamentos para a compreensão de nosso tema de estudo: o sujeito adolescente em sua relação com a arte².

Segundo Rassial (1997), na adolescência o sujeito deve lidar com um segundo tempo – um *après-coup* – do estágio do espelho (Lacan, 1998a). Esse momento fundador da constituição do eu, proporciona ao adolescente alicerçar o reconhecimento de sua imagem adulta. É na infância, época em que advém a referência à primeira encarnação do Outro – a mãe –, que o principal se processa, impondo uma dupla limitação à estruturação egoica: o reconhecimento pela mãe de que a imagem especular do filho corresponde a um corpo separado do seu próprio; e a imposição, necessária, de significantes atribuídos a esse corpo/filho. Na adolescência, no entanto, esses limites precisarão ser ultrapassados para que o sujeito possa reconstituir sua imagem e seu eu em outras bases identificatórias.

Conforme descrito por Lacan (1998a), no estágio do espelho o reconhecimento da imagem especular se dá a partir da incidência dos objetos olhar e voz (pulsões escópica e invocante) que indicam as bordas em torno das quais a imagem do eu se perfaz. Na adolescência esses mesmos objetos entram em cena para confirmar a existência e

a permanência do sujeito naquele corpo púbere em plena transformação. É também nesse jogo especular que se estabelecem as bases para a iniciação fálica que autorizará a nomeação de cada sujeito em particular no campo do Outro, a partir da inscrição do(s) Nome(s)-do-Pai como significante. Por este termo, *Nome-do-Pai*, Lacan denomina o(s) significante(s) que designam a função paterna na passagem pelo Édipo.

O complexo de Édipo – despertar das pulsões genitais – é considerado por Freud, como o acontecimento central da primeira infância sendo fundamental para a constituição do sujeito. Não obstante, essa etapa gera sentimentos contraditórios de amor e hostilidade em relação às figuras parentais, sendo o momento em que aparece pela primeira vez para a criança a tríade: filho-mãe-pai. Na adolescência – momento no qual a sexualidade emerge em sua segunda onda – o Édipo é reeditado.

Segundo a teoria psicanalítica, a partir de Lacan, é neste complexo que se inscreve subjetivamente a metáfora paterna – o(s) Nome(s)-do-Pai –, ou seja, os significantes que substituem o desejo da mãe, dando possibilidade à criança (e depois ao adolescente) de substituir o lugar da mãe por seu símbolo, interditando-a, e produzindo como efeito no sujeito a significação fálica. Conforme sintetiza Quinet (2012, p. 29),

[...] resultado da metáfora paterna é a inclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro e o acesso à significação fálica, que permite ao sujeito se situar como homem ou mulher na partilha dos sexos.

O *Nome-do-Pai instituído* possibilita ao sujeito transitar pelo *Outro*, campo de relações e interações na qual a família e a escola se situam. A reestruturação dessa complexa estrutura subjetiva durante a adolescência exige ao sujeito remodelar o valor e a função dos objetos voz e olhar, assim como da rede significante instituída ao longo da infância. Em particular, conforme indica Poli (2014), na adolescência é preciso ao sujeito validar a inscrição do Nome-do-Pai para além da metáfora paterna ampliando seu trânsito pelo campo do Outro a partir dos três registros: Real, Imaginário e Simbólico. Esses registros operam psiquicamente no adolescer, na efetuação da operação simbólica e na “[...] construção da Outra paternidade” (Ruffino, 1999, p. 50).

A reconstrução do espelho na adolescência pode, de forma lúdica, ser bem apreendida no diálogo estabelecido entre a personagem Alice com a Lagarta, do texto *Aventuras de Alice no País das Maravilhas* (Carroll, 2014, p. 61):

‘Quem é você?’, perguntou a lagarta.
[...] ‘Eu... Eu não sei direito, senhora, não no momento... Pelo que sei quem eu *era* antes de acordar hoje de manhã, mas acho que devo ter mudado várias vezes desde então’.
[...] ‘Explique-se!’
‘Receio que não possa *me* explicar senhora, [...] porque não sou eu mesma, sabe’...

As mudanças no corpo e na posição do sujeito adolescente desestabilizam sua resposta ao *quem é você?*; ele não sabe mais quem é, qual sua imagem no espelho do Outro. Ele recua diante da voz e do olhar materno e dos significantes que o designaram ao longo da infância. O trabalho de (des)identificação é necessário para a reconstrução de um *novo espelho* que possa sustentar o sujeito em sua vida adulta.

Nos projetos escolares, apresentados a seguir, a aposta é que a arte e a expressão criativa possam fornecer um importante apoio – tanto no registro dos objetos pulsionais (voz e olhar) como dos significantes dos Nomes-do-pai – para essa reconstrução.

Projetos Escolares

O Cerne do presente trabalho foi idealizado no Colégio Pedro II, no Campus Humaitá II, partindo da hipótese de que a arte e a expressão criativa poderiam ser a *pedra de toque* de aproximação das agruras adolescentes. Tendo em vista o processo de subjetivação, para além das experiências vividas por cada um dos jovens integrantes dos projetos, buscamos o alargamento de seus universos simbólicos através de sua exposição a diversas expressões artísticas.

Os projetos *Múltiplas Vozes* e *Refazer* visam proporcionar aos adolescentes a busca por seu novo reconhecimento identificatório diante da sua árdua tarefa de mudança de endereçamento na passagem da família ao laço social. O fortalecimento da voz dos adolescentes se faz premente frente às múltiplas e rápidas mudanças necessárias e inerentes às novas realidades que lhes são impostas. Referimo-nos a busca de um lugar concernente no prelúdio de seu novo papel social – o de adultos jovens.

O Projeto *Refazer* foi pensado e estruturado a partir de uma preocupação do Setor de Supervisão e Orientação Pedagógica (SESOP) com a presença da jubilação no Estatuto que rege o Colégio Pedro II, no qual se estabelece que o aluno não pode fazer uma mesma série mais de duas vezes. Caso isso ocorra, o aluno terá que sair do Colégio. Nesse contexto, é natural que para não perderem suas vagas, os jovens e suas respectivas famílias passem o ano letivo que estão refazendo, muito angustiados com a grande responsabilidade que lhes é imposta. O *Refazer* é um projeto que se propõe a auxiliar os alunos durante o ano em que estão refazendo a série, assim como apoiar suas respectivas famílias, permitindo que os adolescentes aproveitem melhor todas as oportunidades dessa etapa de sua vida escolar, prosseguindo mais confiantes.

O alto índice de reprovação foi o fator determinante para propormos esse Projeto que funciona desde 2007. Ele é desenvolvido no primeiro trimestre do ano letivo, em aproximadamente dez encontros, no turno oposto ao turno de estudo do aluno. Em cada encontro, é realizada uma técnica de dinâmica de grupo, objetivando sempre o trabalho

em direção a uma abertura sublimatória, tendo em vista o ano atípico pelo qual estão passando.

Concomitantemente à participação dos adolescentes no projeto, seus responsáveis são convidados a compartilhar desse importante momento de seus filhos em aproximadamente três encontros. Nesses encontros, procuramos trabalhar através de dinâmicas já apresentadas anteriormente aos nossos alunos, as angústias paternas, pareando-as com as de seus filhos.

O projeto apresenta aos sujeitos envolvidos nessa demanda (alunos e famílias) sugestões para possíveis reflexões sobre o processo da reprovação, a fim de que possam, dessa forma, elaborá-lo, favorecendo a semeadura de um novo ano letivo. Essa semeadura está vinculada sempre à disponibilidade dos sujeitos de percorrerem um novo caminho com um novo olhar, sem, contudo, deixar de considerar o velho caminho e o velho olhar. Nas belas palavras de Machado (2006, p. 29), em seu texto *Abrindo Caminho*:

‘No meio do meu caminho tem coisa de que não gosto
Cerca, muro, grade tem. No meio do seu, aposto, Tem
muita pedra também. Pedra? Ou ovo? Fim do caminho?
Ou caminho novo?’

O *Refazer* procura dar ao adolescente, subsídios para a compreensão desse momento singular de suas vidas a fim de que possam (re) estabelecer a significação do processo escolar. Através da exposição do adolescente a estímulos artísticos que lhe provoquem subjetivamente, buscamos transformar sua angústia em inspiração sublimatória. Assim, utilizamos como recurso nas dinâmicas de grupo a linguagem artística, representadas pela poesia, pelo desenho, pela música, por vídeos, entre outros para que esses sujeitos tenham a possibilidade de relançarem seus movimentos pulsionais.

O outro projeto, denominado de *Múltiplas Vozes*, começou a ser semeado a partir de debates promovidos pela professora Regina Coeli de Andrade Maciel Ribeiro em sua disciplina Língua Portuguesa e Literaturas, que eram realizados nas turmas de 9º ano do Ensino Fundamental. Os temas emergiam dos romances lidos nessa série. Os alunos, divididos em grupos, trabalhavam textos de autores clássicos brasileiros tais como: Jorge Amado, João Cabral de Melo Neto, Erico Veríssimo, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, entre outros.

É importante ressaltar que em nosso *Campus* as turmas são compostas em média por 30 alunos, os quais, para a realização dessa atividade pedagógica eram divididos em três ou quatro grupos. Uma vez definidos os grupos, a professora os orientava e, a partir daí, cada grupo ficava responsável por toda a elaboração do trabalho de dramatização do texto, desde a elaboração do roteiro até a montagem dos cenários, passando por figurino e iluminação.

O grupo tinha opção de escolher o formato artístico que preferia apresentar para sua turma: uma peça teatral ou um vídeo. Após a apresentação de cada grupo, a turma toda se sentava no palco para uma *roda* de debates sobre as principais problemáticas dos livros.

A realização dessa atividade pedagógica era de grande complexidade para os alunos, especialmente no que tangia às suas relações interpessoais. Surge aí, o embrião do projeto *Múltiplas Vozes* no qual trabalhamos com unidades temáticas, compostas por diversos textos e seus variados modos de expressão, abordando assuntos que julgamos relevantes, interessantes e atuais para o adolescente.

Dentro dessa perspectiva, o texto é a nossa unidade básica de trabalho, o gatilho para as discussões que objetivam a ampliação e a compreensão do mundo, favorecendo ao adolescente a percepção da interface entre a linguagem poética e o seu próprio modo de expressão *linguageiro*. Trata-se de um trabalho de apropriação da herança cultural que propicia o alargamento do universo simbólico do jovem. Nossa proposta vai ao encontro do conselho freudiano – citando Goethe (apud Freud, 1976c, p. 188) – “Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu”; em nosso caso, a herança proposta é aquela da produção cultural no âmbito das artes, especialmente a literatura e a música (a letra musical).

No projeto *Múltiplas Vozes* foram traçados os seguintes objetivos específicos: (a) fazer a reflexão sobre as possíveis representações da obra a ser trabalhada, utilizando como base as experiências e referências pessoais; (b) possibilitar a visualização das inúmeras interpretações da referida obra; (c) viabilizar sua releitura, gerando novos conhecimentos; (d) facilitar a (re)construção de novas compreensões de si mesmo e do mundo, a partir da releitura da obra; estimular a comunicação entre o mundo simbólico dos adolescentes e o mundo que está se descortinando; e (e) apontar para as inúmeras possibilidades de percepção das múltiplas vozes a que estão expostos em seus laços sociais.

Procuramos abordar com os jovens os aspectos que emergem em cada um deles diante da apreciação de uma obra de arte. O estabelecimento do vínculo entre a expressão artística e o que daí despertava aproximava-os de suas fantasias, correlacionando-as “[...] a objetos e situações imaginados às coisas visíveis e tangíveis do mundo real” (Freud 1976a, p. 150). Nessa perspectiva, Freud (1976a, p. 149), tem como argumento, no que tange ao processo de criação – “[...] de que todos, no íntimo, somos poetas”. Essa perspectiva aproxima criação artística e fantasia, tendo na linguagem seu ponto de interseção.

Fantasia e Criação

O momento atual da Cultura, empobrecido de ritos de passagem, não favorece aos adolescentes a criação de uma representação que lhes autorize um registro nos laços sociais. Como já mencionado, os proje-

tos *Múltiplas Vozes e Refazer* visam proporcionar ao adolescente a busca por um reconhecimento identificatório e sua apropriação simbólica a partir da expressão artística. Para tanto, fundamentamos nosso trabalho nas concepções psicanalíticas de fantasia e de sublimação pulsional, conforme demonstrado a seguir.

Freud sublinha, em seu texto de 1908 *Escritores Criativos e Devaneios*, que “[...] nossos sonhos nada mais são do que fantasias” (1976a, p. 154) evidenciando uma relação íntima entre o sonhar e o fantasiar. A representação de mundo, que costumamos denominar de realidade, é perpassada pela fantasia de cada sujeito. Essa realidade favorece tanto o processo de identificação como o recurso sublimatório ao buscar refazer suas experiências de prazer (*Genuss*) através da criação.

Assim, nessa direção, pode-se considerar que “[...] a fantasia é aquilo mediante o qual o sujeito se sustenta no nível de seu desejo” (Lacan, 1998b, p. 643).

Vale destacar o texto escrito por uma adolescente participante do projeto *Múltiplas Vozes*, pelo modo como expressa a interseção entre seu processo criativo e suas fantasias. Esse texto é a colheita de uma sementeira que foi alicerçada pela letra da música *Aquarela* (1983)³.

Era uma vez uma Maria que morava no mundo das cores, cores que, a seus olhos, eram tristes e sem vida... Um dia, enquanto Maria caminhava pela avenida principal de sua cidade, esbarrou com João que já, intimamente, a chamava de minha.

Desde o momento em que pela primeira vez se olharam, o mundo já não era mais o mesmo.

João e Maria seguiram juntos em frente; descobrindo, a cada dia, uma cor nova, viva e cheia de luz. Aprenderam como se colore o mundo com as cores de uma aquarela e passaram a gerar, a cada encontro de olhares, novas vidas – frutos de um amor puro, terno e intenso, nascido de um encontro encantado.

As fantasias têm uma estrutura similar a dos sonhos e estão atreladas aos desejos inconscientes. Elas utilizam como força propulsora os desejos insatisfeitos e visam a sua realização através de representações secundárias. Essas representações sempre se relacionam de uma maneira ou de outra com

[...] as impressões mutáveis que o sujeito tem da vida, alterando-se a cada mudança de sua situação e recebendo de cada nova impressão ativa uma espécie de ‘carimbo de data de fabricação’ (Freud, 1976b, p. 152).

Entre essas representações, as percepções corporais dos adolescentes estão à *flor da pele* na medida em que a puberdade se impõe. Procuramos nesses projetos, a partir, por exemplo, do texto de Elias (1996, p. 26) – *O Fantástico Mundo das Palavras* – levar os jovens a associar suas percepções corporais com um fazer poético, provocando-lhes um (im) possível desvelamento de seu fantasiar.

Ah, as palavras auditivas:
Sussurro, valsinha, ronco,
Grilho, acalanto, fungado...

Ah, as palavras visuais:
Arco-íris, carta, cartaz,
Montanha, foto, circo...

As palavras olfativas:
Flores, mata, mexerica,
Poluição, cozinha, Tereza...

Ah, as palavras gustativas:
Beijo, bebida, hortelã,
Pé-de-moleque, licor, sorvete...

Ah, as palavras táteis:
Mãos, abraços, ternura,
Beliscar, frio, pisar.

Em um dos encontros do *Múltiplas Vozes* propusemos ao grupo buscar palavras neste texto cujo sentido remetesse à alguma lembrança pungente. Em cada um dos versos ou cada uma das palavras, os adolescentes realizavam associações ao encontro de suas recordações e percebiam a infinidade de possibilidades de sentir e de descrever o mundo. Assim, sobre um mesmo texto, foi possível que expressassem e percebessem o quão abrangentes suas experiências pessoais poderiam ser, e o quão diferentes eram para cada um.

Sabe-se o quanto é sofrido para o adolescente deparar-se com sua nova realidade – a percepção de sua incompletude – mas, concomitantemente, sabe-se também o quão necessária é sua busca por um ideal, mesmo que o da ilusória completude. Essa busca é tão necessária quanto o seu deparar com a imposição do *Real* em suas inúmeras possibilidades de *não-existir*. O que impulsiona o jovem a continuar essa busca fantasiosa é a maturação sexual, momento no qual ele se confronta com o *Real* do sexo. Junto ao gozo sexual do corpo o adolescente descobre a impossibilidade de encontro com o objeto de sua fantasia. Pensá-lo como proibido, interditado, é o trabalho da fantasia na construção e desfrute de contornos de alguma possibilidade. Há, no entanto, inexoravelmente, o encontro com a “relação dita sexual” e, por consequência, “a não relação que ela vale no real” (Lacan, 2003, p. 558).

Dessa forma, a revivescência do Édipo assim como a do estágio do espelho, expostos acima, descortina ao adolescente a promessa de encontro com um gozo pleno que jamais acontecerá e, nessa,

[...] constatação impõe-se que esse ‘gozo’ que ordena o supereu sobre o vestígio do interdito é uma injunção que tropeça em um impossível. O adolescente descobre que esse gozo de ser orientado falicamente e que devia reali-

zar-se na genitalidade, é um gozo parcial como os outros, e não gozo total, cuja nostalgia faz retorno (Rassial, 1997, p. 189).

O adolecer traz em si questionamentos acerca das certezas do mundo adulto, especialmente as do mundo no qual estavam imersos em seus laços parentais, acarretando, tal como Rassial (1997) indica, a instauração de uma *pane*. Essa *pane* cria um momento impar nas possibilidades de descobertas, pois o sujeito adolescente é impulsionado pelo desejo de arrotear sementeiras em seu caminhar.

A *pane* que caracteriza a adolescência apresenta-se quando os jovens percebem que seus pais, suas referências, são como eles: castrados. A estrutura da identificação especular sofre um grande abalo no momento em que o adolescente constata que seus pais - figura paterna ou materna com a qual estão identificados, são apenas representantes, entre outros, do *Outro*, essa instância simbólica (que se demonstra bastante frágil para o adolescente) que representa a Cultura para cada sujeito. Dessa forma, pode desqualificá-los e desincumbi-los dessa função de encarnação imaginária do Outro (Rassial, 1997).

Originam-se daí os questionamentos dos sujeitos adolescentes acerca de quem são. Esses questionamentos relacionam-se às identificações, às representações e à alienação, que representam os significantes do *Outro*. Tais significantes infringem-se ao sujeito impositivamente, fazendo-o acatá-los, conforme argumenta uma jovem participante de um de nossos projetos,

Não aceito que me mandem calar, quando quero argumentar, reclamar ou debater. Todos têm o direito de se expressar, de ter opiniões diferentes e de externá-las sem constrangimento ou censura.

O eixo no qual os modelos identificatórios estavam fixados sofre um grande abalo o que, além de assustador, traz em si um ímpeto de curiosidade que impulsiona o adolescente a uma ação na qual sequer imaginam o que encontrarão. Mais uma vez *Alice* nos fala

Então quem sou eu? Me respondam [...] se eu gostar dessa pessoa, volto; [...] senão ficarei aqui embaixo até virar outra pessoa [...] espero mesmo que eles enfiem a cabeça no buraco! Estou tão cansadíssima de ficar aqui sozinha (Carrol, 2014, p. 24).

Durante os encontros com os adolescentes, suas angústias são compartilhadas, em maior ou menor grau, especialmente no que tange à reorganização de seus laços sociais para sua inserção nos novos papéis que lhes são impostos. Dessa forma, tenta-se operar no sentido da efetivação do(s) Nome(s)-do-Pai, cuja eficácia autoriza o adolescente a transitar por seus novos laços sociais estabelecidos sem a tutela familiar. Nesse processo de reorganização, parafraseando Machado (2006, p. 9), cada jovem em “[...] seu canto, com seu canto nos chamou” e, com

o eco desse canto, constituiu-se um espaço favorável ao surgimento da expressão da fantasia. Assim, tanto no *Múltiplas Vozes* como no *Refazer*, procura-se valorizar a performance de cada adolescente em quaisquer de suas expressões, buscando levá-los a perceber a imensidão de possibilidades de caminhos a partir do qual cada um poderá escolher o seu.

A Construção de um Outro Lugar

Ao longo da experiência com os projetos acima descritos, pudemos perceber a necessidade do jovem em ser visto e escutado de *um outro lugar* e, assim, achar um lugar *para existir*. A partir dessa percepção, buscamos oportunizar esse encontro do *lugar para existir*, através da arte e da expressão criativa em suas várias manifestações. Além disso, os projetos buscam acolher a inquietude/desconforto sentidos pelo adolescente, amplificados pelo *vácuo* deixado pela instituição escolar. Nos projetos, oferecemos uma escuta e um olhar flutuantes, possibilitando a contextualização de delicadas variáveis inclusive e, principalmente, a história de cada sujeito. Dessa forma, as vozes dos adolescentes encontram o eco necessário para que possam trilhar o desafiante caminho da vida adulta.

Desde o início dos projetos *Múltiplas Vozes* e *Refazer*, a inspiração sobrevinha da percepção da necessidade do adolescer ter uma ancoragem. Nesse sentido, o trabalho com os jovens apoiado em obras artísticas visa proporcionar o encontro/criação de um *lugar para existir* e, assim, caminhar ao encontro de sua subjetivação. Os trabalhos realizados durante os grupos procuravam oferecer um terreno onde a aragem, que por ali fluía, pudesse fazê-los tremular e encontrar suas novas identificações nesse novo *lugar para existir*, tal como retrata esse jovem:

Fico nervoso por dentro
Pareço calmo por fora
Um lugar estranho eu parecia estar
Numa gaiola de passarinhos
Juntas a outras gaiolas
Embaixo em cima
Dos lados ouço alguém chamar
E os outros... Sumiram
Tenho que orar
Com o pouco de fé
Que me falta
Choro
Vejo a vida passar
Nessa prisão.

Ou ainda, como expressa uma outra jovem:

Medo, afasta de mim esta timidez,
pois preciso me expressar.
E que não haja sempre alguém
Pra me mandar calar!

Procuramos nos encontros dar lugar e amplitude às vozes dos adolescentes que carregam o seu próprio desconhecimento na forma de fantasias. Escutá-las sem crítica ou exigências pedagógicas permite que o sujeito exercite seu caminhar sobre uma superfície não orientada, tal qual a fita de *Moebius*, em busca dos encontros (im)possíveis com seus objetos de desejo. Em um dado momento, encontrar-se-ão no avesso do seu caminho devido a sua unilateralidade, e não perceberão o efeito de dobra que é característico desse espaço. A unilateralidade subverte a distinção entre os espaços (dentro/fora) no deslizamento do caminhar. Na realização dos grupos pode-se apreender o efeito da dobra, intuitivamente. Na troca com os adolescentes, respeitando a simultaneidade, a diferença e a continuidade, favorece-se a instituição da dinâmica transferencial.

As transferências estão presentes em todas as relações humanas, tal foi a descoberta de Freud (1976b). Devido a elas, em cada encontro, há um renascer original e imprevisível nas trocas estabelecidas no *espaço* criado entre os sujeitos.

Para entender esse processo, recorremos à trilogia de Bantock (1992), *Griffin e Sabine*, cuja narrativa nos remete a uma atmosfera fantástica, preenche de angústia na iniciação sexual entre seus protagonistas. Peixes dividindo espaço com taças quebradas, canguru de chapéu, insetos, figuras humanas, seres bizarros e monstros. O movimento pulsante, ao longo de toda a trilogia, do querer e do não querer, ou do conseguir e do não conseguir, aproxima-nos das idiossincrasias das fantasias no despertar da sexualidade adulta.

Reproduzimos abaixo um fragmento de uma das cartas da extensa correspondência entre *Griffin e Sabine* no qual se percebe algo desse universo de fantasias que é revivido, em alguma medida, em uma relação transferencial. No enredo, um artista plástico londrino (*Griffin*) e uma mulher exótica (*Sabine*), originária de uma ilha do Pacífico Sul, começam a se corresponder. O início inusitado dessa correspondência se dá a partir do *dom* que *Sabine* tem em enxergar as criações artísticas de *Griffin* enquanto ele as realizava. Esse *dom* impulsionou *Sabine* a procurar *Griffin* dando início a instigante, bela e apaixonante troca de correspondências.

Sabine,
Se você estiver lendo isto, então você existe. (É verdade? Quero dizer, isso deveria ser completamente óbvio para mim, mas não é.) Se eu a inventei, então você não existe. Certo? Mas, então, como pode escrever para mim? (tenho que confiar na lógica, senão estou perdido) (Bantock, 1992, p. 2).

Construir um endereço transferencial é um dos principais recursos que os projetos acionam para tornar possível a criação de *um lugar desde onde existir*.

Sublimação: novos enlaces pulsionais

A passagem da família ao laço social própria à adolescência traz em si as marcas dos antigos investimentos libidinais do sujeito. Esses, paradoxalmente, lhe dão o suporte necessário para o contato com sua nova realidade, permitindo equacionar a operação de alienação e a separação (Lacan, 1990). Nessa nova realidade, a realização de escolhas – do tipo *a bolsa ou a vida*, ou seja, escolhas que implicam necessariamente uma perda – é imperativa ao sujeito adolescente.

Na sociedade contemporânea há uma promessa de felicidade e completude fomentadas por uma dinâmica trespassada pela instantaneidade e descartabilidade, promovendo a ilusão de satisfação plena da pulsão. Nos projetos *Múltiplas Vozes* e *Refazer*, algumas discussões traziam questionamentos acerca dessa ilusão, como no relato de uma jovem:

Há uma grande diferença entre ser e aparentar ser.
Existem muitas pessoas que vivem apenas de aparências, importando-se somente com o
que vão pensar a respeito delas. Esqueceu-se do mais importante: daquilo que ela
realmente são.
Por que isso acontece?
A mídia, a moda, as pessoas que estão ao nosso redor nos influenciam muito. Estipulam
o que devemos comer, o que devemos vestir, o que temos ou não de fazer.
Onde fica o SER?
Muitas vezes, esquecido pelas pessoas, que não percebem a importância de nossa essência,
pois tudo é finito – menos ela!

O texto acima foi construído a partir da leitura de Andrade (1985), *Eu, etiqueta*, que explora a imposição ao sujeito de uma identidade pelo uso de um determinado produto de uma marca/etiqueta peculiar. A especificidade desse produto passa a ser cristalizada na identidade do sujeito como sendo a responsável pelo estabelecimento dos laços sociais. Além dessa cristalização, a marca/etiqueta transmite, também, a ilusão de completude, tamponando as insatisfações do sujeito. Como essa promessa de satisfação plena é um engodo do discurso capitalista em que estamos imersos, ela invariavelmente fracassa e a repetição impõe-se; até encontrar-se um novo engodo... e assim, sucessivamente. Escreve Andrade (1985, p. 85).

Em minha calça está grudado um nome
Que não é meu de batismo ou de cartório
Um nome... estranho.
[...]
Com que inocência demito-me de ser
Eu que antes era e me sabia

Tão diverso de outros, tão mim mesmo,
Ser pensante sentinte e solitário
Com outros seres diversos e conscientes
De sua humana, invencível condição.
Agora sou anúncio
Ora vulgar ora bizarro.
[...]
Objeto pulsante mas objeto
Que se oferece como signo dos outros
Objetos estáticos, tarifados.
Por me ostentar assim, tão orgulhoso
De ser não eu, mas artigo industrial,
Peço que meu nome retifiquem.
Já não me convém o título de homem.
Meu nome novo é Coisa.
Eu sou a Coisa, coisamente.

Nossa mitologia foi como Freud referiu-se à pulsão. O mítico é considerado por Freud como sendo “[...] os vestígios distorcidos de fantasias plenas de desejos de nações inteiras, sonhos seculares da humanidade jovem” (Freud, 1976a, p. 157).

Assim, as pulsões apresentam duas características estruturais: seu caráter restitutivo e o seu aspecto repetitivo. O primeiro é definido como “[...] todas as pulsões tendem à restauração de um estado anterior de coisas” (Freud, 1976g, p. 54), referindo à pulsão de vida. O segundo é referente ao aspecto repetitivo, característico da pulsão de morte, na medida em que sua natureza conservadora relaciona-se intimamente com sua tendência de retorno ao estado inorgânico.

Nesses dois rumos, as pulsões encontram derivações diversas: a reversão em seu oposto, o retorno em direção ao próprio eu, o recalque secundário e a sublimação (Freud, 1976e). Os dois primeiros estão amalgamados à própria estrutura da pulsão. O percurso por esses caminhos leva a pulsão a projetar-se para uma zona erógena dirigindo-se ao objeto, contornando e delineando o vazio de sua ausência (Ribeiro, 1997).

O trabalho com o texto *Abrindo Caminho* (Machado, 2006) buscou viabilizar a compreensão dos paradoxos pulsionais e seus possíveis caminhos, como mostram os versos a seguir,

Porta, ponte, túnel, estrada,
mapa, vôo, navegação.
Quem disse que o fim da picada
não abre para a imensidão? (Machado, 2006, p. 31).

Destaca-se, aqui, um verso de um livro criado por uma adolescente participante de um dos projetos, que faz de seu fazer poético sua busca (que sabemos ser impossível de alcançar) no preenchimento do vazio:

É ouvir meu coração bater
cada vez que você me dá a mão,
preenchendo o meu vazio e
apagando em mim a solidão.

O terceiro destino da pulsão – recalque secundário – sob a égide do princípio do prazer impede que o representante psíquico (ideacional) da pulsão tenha acesso à consciência. É a partir do recalque secundário que se tem a evidência do recalque originário ou primário. A condição constitucional do sujeito falante remete-nos a uma ambivalência estrutural, oriunda da linguagem, que tem como característica essencial uma “fantasia da realidade comum”, contendo “[...] a ideia de todo, à qual, objeta o menor encontro com o real” (Lacan, 2003, p. 558).

O quarto e último destino da pulsão – sublimação – é de particular importância nos projetos apresentados. Na discussão acerca das traduções do termo *Trieb*, encontramos essa preciosa observação de Lacan (2008, p. 113): “[...] a deriva [...] para qual toda ação do princípio do prazer se motiva, dirige-nos para esse ponto mítico que foi articulado nos termos da relação do objeto”.

A sublimação é um paradoxo. O que possibilita o sujeito acioná-la, são seus mecanismos internos, favorecendo a criação de brechas para atender às exigências pulsionais. Lacan ressalta que o navegar aleatório de uma pulsão contém algo de insidioso, de mortífero, de enigmático, de feminino. “De mítico, nos diria Freud” (Ribeiro, 1997, p. 14).

A sublimação conceitualmente é o

[...] processo que diz respeito à libido objetal e consiste no fato de a pulsão se dirigir no sentido de uma finalidade diferente e afastada da finalidade sexual; nesse processo, a tônica recai na deflexão da sexualidade (Freud, 1976d, p. 111).

É importante frisar a distinção feita por Freud entre os conceitos de sublimação e idealização. Esta última faz com que o sujeito intervenha no objeto devido à identificação com o mesmo, acarretando um aumento das exigências do eu. Na sublimação, a satisfação é parcial e alcançada através da flexibilidade apresentada pelas pulsões na medida em que elas podem,

[...] assumir o lugar da outra, uma pode assumir a intensidade da outra; no caso de a realidade frustrar a satisfação de uma delas, a satisfação de outra pode proporcionar compensação completa. Relacionam-se umas com as outras a semelhança de uma rede de canais intercomunicantes cheios de líquidos (Freud, 1976f, p. 403).

A sublimação busca “[...] encontrar seu alvo em outro lugar que não seja naquilo que é seu alvo” (Lacan, 2008, p. 139). Nesta particular deriva pulsional “[...] o objeto é elevado à dignidade de Coisa” (Lacan, 2008, p. 140). A Coisa (*das Ding*) é o objeto desprovido de suas vestes

imaginárias: borda simbólica que constitui e delimita um pedaço de real, puro vazio que abre espaço para o desejo de um sujeito.

Nos projetos *Múltiplas Vozes* e *Refazer* o trabalho com a arte e a expressão criativa visa propiciar ao jovem algo de um encontro com esse real mediado pela inscrição simbólica da cultura. E fazê-lo, mesmo que muito brevemente, autor neste processo. A aposta é de certa forma, parafraseando Lacan (2008), elevar o objeto da angústia ao estatuto de uma produção criativa, ou mesmo, lúdica (para não chamá-la antecipadamente de artística...). Ou seja, ampliar os recursos sublimatórios do sujeito em sua lide com o real que inexoravelmente sua adolescência o confrontará.

Como afirmamos em outro momento acerca das angustias adolescentes:

[...] o real do código: intensidade e exigência no exercício do gozo. Antes de ser uma decorrência natural das modificações fisiológicas, é o encontro com os limites do discurso e das condições de representação do corpo que promove, a um só tempo, a angústia, o gozo e os atos propriamente transgressivos, como o são a iniciação ao sexo e o dar à *morte* a palavra do pai (Poli, 2012, p. 145).

Com os poucos recursos atuais a ritos de passagem, os adolescentes são sujeitos à *deriva*. Isto é, tomando o termo ao pé da letra: sujeito tomados pelo jogo pulsional. Nossos projetos encontram um relevante eco ao utilizarmos a expressão criativa para entrar no vácuo da promessa social, oferecendo um terreno fértil a fim de que os jovens elaborem, em sua solidão, a perda do objeto idealizado.

Por isso, é prioridade nos projetos proporcionar aos participantes uma exposição a produções artísticas, com a intenção de aguçar seus olhares e escutas, e *apoiar* assim o gozo pulsional ao longo de sua travessia pelo adolecer. Esse aguçamento é favorecido pelo alargamento do universo simbólico do adolescente, a partir de sua participação nos projetos, através da criação de textos, da produção de pequenos livros, de dramatizações, da feitura de desenhos, entre tantas outras expressões elaboradas durante nossos encontros.

Concluindo, Passagens

Os resultados obtidos nos projetos *Múltiplas Vozes* e *Refazer* foram notados (e apreciados) tanto pela escola como pelas famílias dos participantes. Pode-se observar nos adolescentes participantes, ao longo do desenvolvimento dos projetos, o recurso à sua herança cultural no alargamento de seu mundo simbólico. Há por parte dos participantes dos projetos uma sensível busca pela percepção de seus movimentos internos e seus possíveis ecos externos, tal qual no poema de Quintana (2012, p. 21) – *O Adolescente*

A vida é tão bela que chega a dar medo,
Não o medo que paralisa e gela,
estátua súbita, mas
esse medo fascinante e fremente de curiosidade que faz
o jovem felino seguir para a frente farejando o vento
ao sair, a primeira vez, da gruta.
Medo que ofusca: luz!
Cumplidamente,
as folhas contam-te um segredo
velho como o mundo:
Adolescente, olha! A vida é nova...
A vida é nova e anda nua
- vestida apenas com o teu desejo!

O projeto *Refazer* proporcionou uma melhor aceitação da situação de refazer a série, tanto por parte dos jovens como de seus familiares, a partir da constatação de que um maior número de alunos deu continuidade à sua vida escolar, mesmo com suas dificuldades, até a conclusão do Ensino Médio.

Em ambos os projetos, a desarmonia/harmonia estabelecida em cada encontro favorece ao jovem a busca por novos enlaces pulsionais. No desabrochar sublimatório, pode-se perceber que a expressão criativa possibilita estabelecer uma via de acesso às agruras adolescentes autorizando seu encaminhamento para uma ação.

Assim, os projetos *Múltiplas Vozes* e *Refazer* tiveram seu objetivo principal atingido, o de sensibilizar o jovem a observar o que aflora em seu pensamento provocado pelo seu contato com alguma manifestação artística. A cada novo encontro, percebemos o quanto o adolescente se envolve com o movimento proposto, favorecendo o desabrochar da passagem do mundo infantil para o mundo adulto, com a beleza que permeia a história de vida de cada sujeito.

Além desses efeitos *locais* do trabalho com esses projetos, entendemos que eles fornecem um modelo possível de aproximação do contexto escolar com o universo adolescente. Partimos da aposta de que a arte e a expressão criativa poderiam ser poderosos instrumentos para abordar o riquíssimo mundo de fantasias e, também, de angústias e dificuldades dos jovens. Trata-se, conforme já mencionado, de promover o alargamento do universo simbólico dos adolescentes através de seu encontro com a arte e permitindo um espaço de ensaio em sua produção criativa; trabalho este que, infelizmente, não encontra muito espaço no desenvolvimento das atividades pedagógicas cotidianas.

Entendemos ainda que ambos os projetos aqui apresentados se inserem nas lacunas deixadas pelos deslocamentos paradigmáticos ocorridos nas últimas décadas da história da Educação no Brasil. A educação formal/inclusiva, tal como estruturada na contemporaneidade, não está preparada para abordar o sujeito como o consideramos em nossos projetos - sujeito do inconsciente - em todos os aspectos de sua

constituição. No mundo contemporâneo podemos observar, na educação formal, a prevalência de um sujeito “[...] do cogito da filosofia cartesiana, do sujeito-organismo de Piaget e, [...] do comportamentalismo de Watson” (Kupfer, 2000, p. 28)⁴.

O sucesso dos projetos, e sua adesão pelos adolescentes, confirmou o que percebemos ao longo de nossa atuação em instituição escolar: a necessidade do jovem em ser visto e escutado desde um outro lugar e, assim, achar um lugar possível para existir como sujeito. Oferecer-lhes um espaço de escuta e olhar singular, mediado pela expressão artística, propícia aos adolescentes encontrar o eco necessário para que possam trilhar o novo e desafiante caminho da vida adulta.

Nosso estudo apontou, assim, para a sintonia existente entre o campo da produção estética e as vivências dos adolescentes. Essa sintonia, se escutada e trabalhada em um espaço de transferência, pode facilitar a passagem dos sujeitos adolescentes por essa fase de suas vidas deveras turbulenta. A psicanálise mostra, e a experiência confirma o quanto a arte pode ajudar o adolescente a vislumbrar e a lidar com o real que o persegue e que o constitui.

Lembremos, por fim, que as especificidades da contemporaneidade em relação ao acesso aos bens culturais e ao conhecimento – terreno no qual a Escola se ergue, sua democratização através da internet, sua transitoriedade e sua obsolescência exigem do educador uma nova postura, a de que “possa ser um mestre não-todo”, como sugerem os pesquisadores Hanff e Petri e Seynhaeve (apud Kupfer, 2000, p. 31).

Dessa forma, podemos inferir, a partir da consonância entre a teoria psicanalítica e práticas da psicologia escolar, evidenciadas nesse estudo, que todo o processo educativo pode ser beneficiado utilizando projetos que acolham e deem o suporte necessário aos adolescentes para descortinarem seus novos caminhos. Conforme nos fala Stotz (2001, p. 134): “[...] temos de empenhar-nos neste compromisso. Seu nome é *utopia* [...]”.

Recebido em 23 de outubro de 2014

Aprovado em 23 de junho de 2015

Notas

1 O projeto Múltiplas Vozes foi criado pela psicóloga Katia Regina Monte Faissol e pela professora de Língua Portuguesa e Literaturas Regina Coeli de Andrade Maciel Ribeiro e o projeto Refazer pelas psicólogas Katia Regina Monte Faissol e Maria Cristina de Azeredo Bastos. Entre as autoras do presente artigo, apenas a psicóloga Katia Regina Monte Faissol participou dos projetos.

2 Por *arte* referimo-nos aqui às produções culturais consolidadas e reconhecidas como tal. É também objeto de nosso interesse nesse trabalho, como será demonstrado, as expressões criativas dos próprios adolescentes. Neste caso, evidentemente, não as designamos antecipadamente como arte usando, preferencialmente, o termo mais amplo de “expressões criativas”.

3 Música composta por Antonio Pecci Filho, Vinícius de Moraes, Guido Moura e Maurizi Fabrizio.

4 É necessário ressaltar que não temos nenhuma intenção em valorar essas conceituações. Ao citá-las, objetivamos sustentar a importância das reflexões proporcionadas aos jovens pelos projetos *Múltiplas Vozes e Refazer*, pois eles atuam numa espécie de “vácuo” da escola.

Referências

- ALBERTI, Sonia. **O Adolescente e o Outro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- ANDRADE, Carlos Drummond. Eu, etiqueta. In: ANDRADE, Carlos Drummond. **O Corpo, Novos Poemas**. Rio de Janeiro: Record, 1985. P. 85.
- BANTOCK, Nick. **Agenda de Sabine**. São Paulo: Marco Zero, 1992.
- CARROLL, Lewis. **As Aventuras de Alice no País das Maravilhas**. São Paulo: Globo S.A. 2014.
- ELIAS, José. **O Fantástico Mundo das Palavras: o jogo das palavras mágicas**. São Paulo: Paulinas, 1996.
- FREUD, Sigmund. Escritores Criativos e Devaneios. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976a. V. IX. P. 147-160. (Obra publicada originalmente em 1907).
- FREUD, Sigmund. A Dinâmica da Transferência. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976b. V. XII. P. 135-175. (Obra publicada originalmente em 1912).
- FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976c. V. XIII. P. 13-194. (Obra publicada originalmente em 1913).
- FREUD, Sigmund. Sobre o Narcisismo, uma introdução. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976d. V. XIV. P. 109-119. (Obra publicada originalmente em 1914).
- FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976e. V. XIV. P. 36-55. (Obra publicada originalmente em 1915).
- FREUD, Sigmund. Conferência XXII- Algumas ideias sobre desenvolvimento e regressão -etiologia. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976f. V. XVI. P. 397-417. (Obra publicada originalmente em 1917).
- FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976g. V. XVIII. P. 13-85. (Obra publicada originalmente em 1920).
- KUPFER, Maria Cristina. **Educação para o Futuro**. São Paulo: Editora Escuta, 2000.
- LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio

de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998a. P. 96-103. (Obra publicada originalmente em 1949).

LACAN, Jacques. A Direção do Tratamento e os Princípios de seu Poder. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998b. P. 591-652. (Obra publicada originalmente em 1958).

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 7 - A Ética da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. Prefácio a O despertar da Primavera. In: LACAN, Jacques. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. P. 557-559. (Obra publicada originalmente em 1974).

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11 - Os Quatros Conceitos da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

MACHADO, Ana Maria. **Abrindo Caminho**. São Paulo: Editora Afiliada-ABDR, 2006.

PECCI FILHO, Antonio; MORAES, Vinícius de; MOURA, Guido; FABRÍZIO, Maurizi. **Aquarela**. 1983. Disponível em: <<http://www.radio.uol.com.br/#/letras-e-musicas/toquinho/aquarela/893294>>. Acesso em: 12 out. 2014.

POLI, Maria Cristina. **Leituras da Clínica, Escritas da Cultura**. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

POLI, Maria Cristina. **Clínica da Exclusão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

QUINET, Antonio. **Os Outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

QUINTANA, Mário. **Apontamentos de História Sobrenatural**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2012.

RASSIAL, Jean-Jacques. **A Passagem Adolescente, da Família ao Laço Social**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

RASSIAL, Jean-Jacques. **O Adolescente e o Psicanalista**. Rio de Janeiro: Companhia Freud, 1999.

RIBEIRO, Maria Anita (Org.). **Os Destinos da Pulsão: sintomas e sublimação**. Rio de Janeiro: Contracapa, 1997.

RUFFINO, Rodolpho. Adolescência e Modernidade. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE E SUAS CONEXÕES, 1999, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

SOUSA, Edson Luís André de. Para uma Leitura das Cacofonias Culturais. In: POLI, Maria Cristina. **Leituras da Clínica, Escritas da Cultura**. Campinas: Mercado de Letras, 2012. P. 07-10.

STOTZ, Eduardo Navarro. Cultura e o Saber: linhas cruzadas, pontos de fuga. **Interface, Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 5, n. 8, 2001.

Maria Cristina Poli é psicanalista, professora no PPG em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Mestrado e Doutorado em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida - RJ. Pesquisadora do CNPq e Jovem Cientista do Estado/Faperj.
E-mail: mccpoli@gmail.com

Katia Regina Faissol é psicóloga, Mestre em Psicanálise, Saúde e Sociedade na Universidade Veiga de Almeida/RJ.
E-mail: katiafaissol@gmail.com